

## Entre a Música e a Política: A Influência da Nova Canção Chilena no Governo da Unidade Popular

Maria Clara da Silveira Prado e Figueiredo<sup>1</sup>

**Artigo recebido em:** 08/11/2023

**Artigo aprovado em:** 29/01/2024

SCHMIEDECKE, Natália Ayo. **Chilean New Song and the Question of Culture in the Allende Government.** Voices for a Revolution. Lanham: Lexington Books, 2022.

O ano de 2023 marca o aniversário de cinquenta anos do Golpe de Estado do Chile, evento que depôs violentamente o governo de coalizão da Unidade Popular (UP). A experiência política interrompida havia chegado ao poder democraticamente a partir de uma acirrada eleição em 1970, propondo como mote político a assim chamada *via chilena ao socialismo*. Tratava-se de um meio democrático e sem rompimento institucional que gradualmente, e a partir de uma série de reformas e estatizações, conduziria o país andino ao socialismo. Sabe-se que tal eleição possuiu algumas especificidades: no campo opositor, nota-se uma intensa interferência estrangeira e a ocorrência de atentados políticos intimidatórios, como o que foi cometido contra René Schneider, então chefe das Forças Armadas. Já na esfera de apoio à coalizão partidária, é possível observar a atuação de trabalhadores rurais e fabris, *pobladores*, grupos de artistas e intelectuais, principalmente, mas não exclusivamente, de músicos ligados à Nova Canção Chilena (NCCh). No que diz respeito a esse movimento musical, faz-se necessário salientar que apesar das particularidades de cada conjunto, a NCCh é notadamente conhecida pela recuperação e utilização de elementos culturais (instrumentos, ritmos, vestimentas, vocabulário etc.) dos povos originários que habitam o Chile e, de maneira mais ampla, os Andes.

Natália Ayo Schmiedecke, pós-doutora em história e professora associada à Universidade de Hamburgo, na Alemanha, trabalha com análises sobre a experiência cultural

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e-mail: mariaclarasilveiraprado@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6959-923X>

da Nova Canção Chilena desde sua graduação e, neste momento, nos brinda com seu novo livro: *Chilean New Song and the Question of Culture in the Allende Government. Voices for a Revolution*. A obra integra a série *Music, Culture, and Identity in Latin America*, editada pelos professores e pesquisadores Pablo Vila e Héctor Fernández e publicada pela Lexington Books em 2022. Inserindo-se nos debates historiográficos sobre a experiência da Unidade Popular, o livro de Schmiedecke se destaca ao propor análises sobre o campo cultural em relação ao político durante a experiência governamental da coalizão partidária. Ao fazê-lo desde o campo de investigação da história, aspecto que, segundo Julio Pinto Vallejos em diálogo com Mário Garcés Durán – ambos historiadores chilenos –, é paradoxalmente pouco contemplado no Chile (PINTO VALLEJOS, 2013. P.2), a autora demonstra sua sagacidade ao integrar um debate restrito. Tal característica deve ser ainda mais prestigiada ao levarmos em conta sua posição de mulher produtora de conhecimento historiográfico, questão delicada e por ela própria evidenciada em seu artigo *Sobre um silêncio: as mulheres na historiografia da Unidade Popular* (ARANTES; SCHMIEDECKE, 2020. P. 42). Nesse mesmo sentido, é possível somar à sua trajetória acadêmica reconhecimentos pela inovação na perspectiva analítica, sobretudo pela escolha e metodologia de trabalho com fontes musicais, outrora proscritas.

Em seu recente livro, Schmiedecke empreende uma investigação pormenorizada das propostas políticas e debates sobre a relevância da cultura e o papel da NCCh na eleição e governo da Unidade Popular. Perscrutando fontes diversas, como músicas, álbuns e revistas culturais, a historiadora desenvolve sua argumentação ao longo de três capítulos, os quais possuem focos específicos de análise em relação às fontes empregadas, confluindo em um quarto capítulo conclusivo. Este sintetiza as investigações conduzidas ao passo que recupera os principais debates historiográficos tangenciados ao longo do livro sobre a questão da cultura para o governo, o imbricamento político partidário dos artistas e como isso se manifestou em suas obras.

A primeira parte do livro versa sobre as políticas governamentais empregadas e desconsideradas pelo governo socialista e as repercussões dessas ações para a sociedade e, em especial, aos músicos da Nova Canção Chilena. Considerando que parte da proposta de mudança política do Chile partiria, segundo o governo, das mudanças no âmbito da cultura burguesa, que deveria ser democratizada, tornando-se uma cultura de massas

(SCHMIEDECKE, 2022, p.46), a autora investiga como foram esboçados os projetos políticos, sua exequibilidade, além da recepção e discussão sobre a temática na esfera pública. Diante dessa dinâmica, são apresentadas ao leitor as discussões vigentes na revista cultural *La Quinta Rueda* (1972-1973), publicada pela Editora Nacional Quimantú – antiga Editora ZigZag, estatizada como parte do projeto de renovação cultural. A revista mencionada contava com escritores de diferentes nacionalidades e provenientes de distintos partidos de esquerda, o que resultava em um projeto editorial plural. Tinha como característica estética um registro gráfico notável, bem como um título provocativo que, conforme aponta Schmiedecke, era uma crítica à desconsideração do campo cultural pelo governo, como se fosse algo dispensável, tal qual a quinta roda de um carro (SCHMIEDECKE, 2022, p.26). Suas considerações sobre a abordagem de *La Quinta Rueda* se destacam, pois, mesmo sendo um impresso propiciado pelo governo, a revista não se esquivava de críticas e reivindicações a ele. Em vez disso, durante seu curto tempo de publicação, dedicou-se a discutir a questão da cultura de maneira geral, contemplando desde o papel da NCCh até a gestão de museus e concedendo espaço de resposta aos integrantes da Unidade Popular.

Ao refletir sobre a atuação dos músicos da Nova Canção Chilena, Schmiedecke se esforça para contemplar o movimento como um todo, sem privilegiar artistas de acordo com seu grau de fama. Todavia, ao fazê-lo, ela não oblitera as especificidades de cada integrante e grupo musical. Pelo contrário, há um empenho em considerar as afiliações políticas, intelectuais, profissionais e as próprias aproximações internas do movimento, como é o caso das observações acerca da casa de eventos *Peña de los Parras*. Este foi um espaço que fomentou mais que apresentações musicais, gerando interações entre os artistas do movimento e outros músicos insurgentes, bem como aulas diversas e fóruns mensais de discussão (SCHMIEDECKE, 2022, p.135).

A análise perspicaz da historiadora nos ajuda a compreender o caráter coloidal do movimento musical, observação reforçada pelos diálogos traçados com os responsáveis pelo livro *Historia social de la música popular en Chile* (SCHMIEDECKE, 2022, p.62). Concomitantemente, seu embasamento historiográfico também reforça sua tese de que, juntamente com os historiadores Marcos Napolitano e Tânia da Costa Garcia, concebe os músicos como intelectuais atuantes na composição de discursos e discussões políticas. Tal

referência à história intelectual dialoga igualmente com os trabalhos das pesquisadoras Claudia Gilman e Mirta Varela. Da mesma maneira, o livro de Schmiedecke realça as interlocuções empreendidas com autores chilenos, tais quais a socióloga Eileen Karmy e os historiadores Juan Pablo Gonzalez Rodriguez e Rolando Alvarez Vallejos, sendo os dois primeiros especialistas em musicologia, e o último especialista em história do Partido Comunista chileno.

Concentrada nos debates em voga nos anos 1970 sobre o papel da cultura para a mudança política, a autora analisa o vasto debate sobre o que era considerado cultura burguesa e cultura popular e, nesse sentido, quais eram os planos de democratização cultural do governo. Diante do exposto, algumas medidas empregadas no cenário chileno dizem respeito à caravana cultural conhecida como *Culture Train*, e a deliberação de que os rádios deveriam conceder 25% de sua programação à música chilena, dos quais 15% seriam para a música popular do país (SCHMIEDECKE, 2022, p.66). Ademais, cabe ressaltar a atuação da *Discoteca del Cantar Popular* (DICAP), criada em 1967 pela Juventude Comunista de Chile (JJCC) para a difusão das canções produzidas pela Nova Canção Chilena e o papel da *Industria de Radio y Televisión* (IRT), criada em 1971 para a produção de eletrodomésticos, tais quais rádios e aparelhos televisores que, por sua vez, ampliariam o acesso à cultura. É possível observar uma orientação das medidas adotadas voltadas ao campo da divulgação cultural, aspecto que Schmiedecke, em comunicação com o trabalho do historiador Rafael Chavarría, aponta como sendo uma das críticas à gestão da Unidade Popular, cujo departamento de cultura focou mais na extensão que na gestão cultural (SCHMIEDECKE, 2022, p.23).

Todavia, independentemente do sucesso ou fracasso do manejo da *questão da cultura*, é possível afirmar que a produção de novos meios culturais foi ampliada. Ainda abordando as medidas do governo nesse campo, cabe destacar a atuação das revistas *Onda* (1971-1973) e *Ramona* (1971-1973), ambas direcionadas ao público jovem e criadas para competirem com o impresso *Ritmo de la Juventud*, do grupo Edwards, grande opositor da Unidade Popular (SCHMIEDECKE, 2022, p.73). *Onda*, publicada pela Divisão Educacional de Publicações para Crianças, departamento da Editora Quimantú, abordava assuntos direcionados à juventude e música, tendo Ricardo García, entusiasta da NCCH e renomado radialista, como um dos seus principais escritores. A revista *Ramona*, por sua vez, estava associada ao Partido Comunista, grupo político que, segundo as historiadoras Cristina Moyano Barahona e Carla Rivera

Aravena, possuía uma tradição editorial de “*obrerismo ilustrado*” (MOYANO; RIVERA, 2020, p. 346). A revista abordava principalmente questões políticas, educacionais e artísticas com determinada liberdade em relação à ortodoxia partidária (SCHMIEDECKE, 2022, p.84).

Conforme demonstrado anteriormente, há um imbricamento inegável entre a política e a cultura na medida em que sua dinâmica de retroalimentação define também as balizas institucionais que permitiram sua proliferação e recepção pela população. No terceiro capítulo, Natália Schmiedecke foca na vinculação política pessoal dos artistas e em como isso se manifestava em suas composições e performances, assim como aborda os debates acerca do caráter oficialista atribuído ao movimento da NCCH e a suposta pauperização desta arte dita panfletária. Ao tomar como exemplo as experiências de diversos músicos, dentre eles Víctor Jara, Inti Illimani e Quillapayun, todos associados ao Partido Comunista (SCHMIEDECKE, 2022, p.61), a autora esquadrinha várias canções, como aquelas de Víctor Jara, que, ora se dirige aos apoiadores do partido de centro direita e opositor à UP, *Democracia Cristiana*, com convites de aproximação à luta socialista e ameaças irônicas de expropriação, ora ao trabalhador rural explorado a partir da composição *El arado*, canção que habilmente musicaliza a rotina árdua do camponês (SCHMIEDECKE, 2022, p.129).

Ao tratar das ações dos artistas direcionadas à democratização cultural e em comprometimento com a proposta política da coalizão partidária, a historiadora ressalta os shows gratuitos realizados em fábricas e universidades, sem deixar de problematizar as classificações de arte oficial e acrítica, muitas vezes atribuídas aos músicos. Nesse sentido, Natália Schmiedecke refuta as suposições acerca dos supostos benefícios profissionais concedidos aos integrantes da NCCH, que muitas vezes, ressalta a autora, tinham uma atividade profissional precarizada e não conseguiam se sustentar a partir da carreira musical. A historiadora demonstra ainda que grande parte dos integrantes do movimento não ocuparam cargos de chefia na elaboração de políticas culturais, ao passo que foram contratados por universidades ou passaram a integrar a Secretaria Nacional de Comunicações e Extensão (SCHMIEDECKE, 2022, p.68), o que, cabe salientar, não os impediu de discutirem e atuarem no percurso artístico da transição ao socialismo.

Por fim, a obra de Natália Ayo Schmiedecke nos ajuda a perceber a relevância das dinâmicas do campo cultural para o campo político, tensionando as afirmações superficiais de

que o primeiro destes seria um mero reflexo do segundo. Ao abordar a relevância cultural em relação à política partidária e à expectativa revolucionária, Schmiedecke explora em seu livro uma dinâmica que se retroalimenta ao passo que também pode convergir ou divergir nas ações culturais apesar dos imbricamentos ideológicos, o que demonstra a complexidade das dinâmicas por ela analisada. O trabalho da historiadora é de extremo valor para o debate historiográfico em construção sobre o tema. Portanto, o livro contribui para a formação de um campo historiográfico sobre a Unidade Popular focado nas dinâmicas entre cultura e política, desvencilhando a perspectiva econômica e as paixões ideológicas como categoria analítica sem ignorar, no entanto, a importância de tais elementos para os acontecimentos em questão e para as respectivas produções científicas que lhes são devidas. Em última instância, a obra comprova a potência do campo musical como fonte para a história, conseqüentemente induzindo à proliferação de mais trabalhos historiográficos que se debruçam sobre a cultura e sua relação com a política, sem, no entanto, estipular uma hierarquia entre ambos.

### Referências Bibliográficas

ARANTES, Mariana; SCHMIEDECKE, Natália Ayo. Sobre um silêncio: as mulheres na historiografia da Unidade Popular. In: COSTA, Adriane Vidal; BORGES, Elisa de Campos. **Os cinquenta anos da Unidade Popular no Chile: um balanço historiográfico**. 1. ed. - Belo Horizonte: Fino Traço, 2020, p. 41 – 71.

GONZÁLEZ, Juan Pablo, OHLSEN, Oscar, ROLLE, Claudio. **Historia social de la música popular en Chile, 1950 – 1970**. Santiago: Ediciones Universidad Católica de Chile, 2009.

MOYANO, Cristina Barahona; RIVERA, Carla Aravena. Disputando lo político. la izquierda y la prensa política de masas en Chile, 1950-1989. **UNIVERSUM**, n. 01, v. 35, 2020.

Universidad de Talca

SCHMIEDECKE, Natália Ayo. **Chilean New Song and the Question of Culture in the Allende Government**. Voices for a Revolution. Lanham: Lexington Books, 2022.